



Resumo de Iniciação Científica – 2020/2021

Palavras-chave: Relações América Latina-China, *soft power*, impactos socioambientais.

Aluno: Matheus Lemos Parente

Orientadora: Profa. Dra. Claudete de Castro Silva Vitte

Relações América Latina – China: O Soft Power chinês e impactos socioambientais de investimentos chineses na América Latina

Introdução: A China ampliou seu interesse pela América Latina¹ a partir da última década do século XX e esse interesse tem sido crescente, visando assegurar importantes matérias-primas (especialmente as energéticas) e produtos alimentares para a China, país que, a despeito de ser um grande detentor de recursos naturais não os possui em quantidades suficientes para consumo interno, adotando, por isso, a estratégia de visitar e de fazer negócios com países produtores e fornecedores desses bens. Nesse contexto, a América Latina, considerada um importante produtor agropecuário e importante fornecedor de matérias primas diversas, emergiu como uma opção atrativa para os interesses chinês, sendo incluída na rota do ilustre visitante e, desde então, tem chamado a atenção a rapidez dos investimentos chineses na América Latina e Caribe.

A presença de investimentos e de relações comerciais da China na América Latina é algo muito relevante, principalmente no contexto em que, o eixo da economia global está transladando-se de forma crescente para a Ásia do Pacífico, região que vem apresentando crescimento econômico superior ao restante do mundo e, em congruência com a realidade econômica mundial, a definição das regras do comércio também estão sob mudanças, cabendo às economias latino-americanas se atentarem para elas.

A China por meio de suas instituições financeiras, especialmente bancos de desenvolvimento e por meio do megaprojeto de infraestruturas denominado de *One Belt, One Road* (OBOR) atua em várias frentes e desenvolve diversas iniciativas (BUELVAS & CASTRO, 2018), cujo impactos na economia e sociedades latino-americanas merecem ser mais bem discutidos e, justamente os impactos territoriais de ações da China na América Latina é o pano de fundo que moveu o interesse pelo tema.

Nesta oportunidade, esta pesquisa objetiva levantar, analisar e discutir os principais conflitos socioambientais provocados por investimentos chineses na América Latina e Caribe, bem como as principais *consequências ambientais* de financiamentos e de atividades que têm incidência sobre territórios. Um segundo aspecto em estudo é o chamado *soft power* chinês, por meio da atuação chinesa em algumas organizações multilaterais, tais como a OMC, FAO, OMS e ONU e que envolvem interesses latino-americanos, verificando também outro aspecto com o qual se pretende compreender a efetividade desse mesmo *soft power* que é por meio da cooperação chinesa com países da região.

¹ O que também inclui o Caribe.

Desenvolvimento: No mundo globalizado, a manutenção do poder tem se apresentado cada vez mais complexa e interconectada. O sucesso de uma nação, depende fortemente da influência ou reputação como ator na comunidade internacional, e também do controle do fluxo de informações entre os atores. O *soft power* molda as preferências dos outros atores por meio de apelo e atração, de modo que ele não é um poder coercitivo, mas por seu meio se exerce influência por meio da cultura, políticas de cooperação, valores e políticas externas.

Portanto, *soft power* é uma expressão usada nas relações internacionais para descrever a habilidade de um corpo político², por exemplo um Estado, para influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos por meios culturais, sociais ou ideológicos (NYE, 2004). O poder na era da informação global, mais do que nunca incluirá uma dimensão branda de atração e influência, bem como as dimensões de coerção e incentivo.

O crescimento econômico chinês aumentou a sua influência no cenário mundial, fazendo com que a China expressasse seu *soft power* em uma escala significativa. A China vê hoje no *soft power* mais uma estratégia de crescimento e inserção na economia mundial, e, com seu poder econômico crescente e sua influência regional. A potência emergente da China e seu impacto futuro na estabilidade internacional estão entre os mais temas intensamente debatidos nas relações internacionais.

O *soft power* é atualmente um tema importante no debate chinês, a China tem fortalecido e consolidado seu *soft power* por meio de investimentos em países em desenvolvimento, de modo que sua presença se torna cada vez mais relevante, não somente pela integração em matérias de segurança com países da região, mas também devido seus interesses em estabelecer infraestruturas para seus grandes projetos. Portanto, com um poder em ascensão, a China está cada vez mais exercendo seu *soft power* de maneira pró-ativa e atuando como um país influente nos assuntos internacionais. Dessa forma, o momento é de compreender o modelo chinês, com suas filosofias, políticas e culturas, o que pode ser útil e facilitador nas relações a serem travadas naquele país.

O ano de 2020 e 2021 foram momentos paradigmáticos na história do sistema internacional. A pandemia global de SARS-CoV-2 (Covid-19) contribuiu para esclarecer as dinâmicas de poder que permeiam as relações entre os Estados, de modo que foram observáveis práticas de cooperação, assim como políticas que priorizam o interesse nacional das unidades sistêmicas.

Enquanto a pandemia ganhava proporções globais, foi possível observar o aparecimento de retóricas positivas e negativas a respeito da atuação chinesa. A China estaria se efetivando no cenário internacional como uma liderança e promovendo, por meio da sua diplomacia específica para o Covid-19, auxílio para alguns países atingidos pela crise (CAMPBELL & DOSHI, 2020). Tais iniciativas talvez venham a se traduzir em um aumento do *soft power* chinês e, conseqüentemente, de sua legitimidade internacional. Por outro lado, temos por parte de alguns países e atores internacionais a narrativa da China como uma ameaça, a ideia de um “perigo chinês” que provocou uma onda de discursos anti-China, mobilizados por lideranças

² Qualquer tipo de ator, seja estatal ou não-estatal, pode exercer o *soft power* devido a sua característica indireta, transnacional e não imediata.

locais e veículos midiáticos internacionais que desencadearam ações xenofóbicas e racistas em diversos países do mundo (OLIVEIRA & FERNANDES, 2020).

A China, promoveu o que ficou conhecido como “diplomacia das máscaras”, exercendo seu *soft power*, por meio da promoção de sua diplomacia pública, via difusão midiática de seus êxitos para lidar com a crise e, realização de reuniões e ativa participação nas organizações internacionais, como a OMS, quanto por meio do envio de ajuda material, como equipamentos e medicamentos essenciais para diversos países do mundo. Ao passo que a crise foi multiplicando discursos negativos em relação à China, o Estado chinês aumentou seus esforços na promoção do campo do *soft power* a fim de anular críticas ao mesmo tempo que difundiu narrativas elogiosas sobre si. Portanto, os temas relacionados às políticas de *soft power* no cenário da pandemia mundial, permanecerão como algo muito relevante dentro do campo de estudos sobre China e poder.

Podemos identificar uma nova etapa das relações entre a China e a América Latina, caracterizada por uma intensificação da relação não só em termos econômicos, mas também em sua dimensão política e cultural com os avanços na formalização das relações diplomáticas entre as nações. O interesse da China em desenvolver relações mais estreitas com a América Latina faz parte de um processo de transformação da política externa chinesa, e a medida que a China incorpora o *soft power* em sua compreensão das relações internacionais, implantando sua diplomacia pública nas regiões de países em desenvolvimento, o gigante asiático vem transformando todo um sistema internacional ao seu favor.

Assim, com a ascensão econômica cada vez mais significativa da China nos últimos anos, são mais comuns as consequências do *soft power* chinês em diversos países do globo. De várias maneiras a China exerce sua influência sobre a América Latina no âmbito econômico: por meio de trocas comerciais, investimentos diretos e promoção de projetos; no âmbito político: a partir de relações diplomáticas e promoção de modelos bem-sucedidos; no âmbito cultural: expandindo seus costumes para os países, ou através da própria língua; e no âmbito militar: através de cooperação tecnológica e operações de paz.

A América Latina está sendo uma região muito afetada pela pandemia global de Covid-19, sofrendo com graves efeitos em sua economia e, o futuro próximo será determinante para as relações entre a China e a América Latina por causa dos desafios de estabilidade política, social, econômica e ambiental em meio a atual crise sistêmica. Os distúrbios causados pela pandemia do Covid-19 trouxeram consequências negativas em relação aos investimentos chineses realizados na América Latina.

No cenário de pandemia, vários foram os esforços e as colaborações globais em meio a corrida para as vacinas, gerando resultados de eficácia satisfatória. Em meio a luta dos países latino-americanos contra a pandemia mundial de Covid-19, muitos estão pedindo ajuda para a China para preparar seus sistemas públicos de saúde para enfrentar a crise. Muitos países da América Latina já receberam assistência da China, reflexo do *soft power* e da “diplomacia das máscaras” chinesa.

Porém, um grande problema na América Latina, são os impactos desiguais do Covid-19 devido aos déficits estruturais nos sistemas de saúde da região. Muito além da desigualdade de acesso, o subinvestimento de longa data da região em saúde a deixou mal preparada para a pandemia, podendo gerar duradouras consequências sociais, econômicas, de saúde, políticas e outras, de modo que a América Latina é

vulnerável a essas incertezas e choques, devido a deficiências preexistentes, como subinvestimento em saúde pública e saúde, desigualdade, alta informalidade no trabalho, baixa produtividade e fraca governança democrática. De fato, essas fraquezas estruturais fizeram da América Latina uma das regiões mais afetadas pelo coronavírus em termos socioeconômicos.

A pandemia SARS-CoV-2 mudou a vida como a conhecemos, transformando a política, os negócios e as sociedades em todo o mundo, afetando significativamente a região latino-americana e suas relações com a China. O Covid-19 representa um desafio multidimensional para a América Latina, ameaçando seu progresso socioeconômico enquanto impõe enormes custos humanos, embora os países latino-americanos tenham tomado medidas e receberam assistência internacional para lidar com os efeitos do vírus, as perspectivas de médio prazo da região são desafiadoras, especialmente considerando o ambiente global incerto. Pontos como: a colaboração público-privada, a abordagem centrada no paciente, o investimento em saúde, a inovação, a equidade no acesso à vacina e ao tratamento, a educação, aprimoramentos regulatórios e convergentes e, a coordenação regional, como por exemplo a retomada das relações bilaterais com a China, são questões-chave para a recuperação latino-americana no cenário pós-pandêmico.

A China é um importante destino das exportações latino-americanas, principalmente de *commodities* e, isso significa para a América Latina uma pauta de exportação ambientalmente muito intensiva e propensa a conflitos e problemas ambientais, o chamado neoextrativismo. Assim, a ascensão da China como uma importante parceira da América Latina e Caribe reforça a importância de adotar medidas de proteção em relação ao meio ambiente na região, pois problemas ambientais geram conflitos sociais. De fato, a China se tornou o principal parceiro comercial de muitas economias da região latino-americana, desencadeando debates sobre os impactos socioambientais na região e suas implicações geopolíticas mais amplas. O chamado *boom* das *commodities* na América Latina, impulsionado por negócios e investimentos com a China, principalmente nos setores de petróleo, extração mineral e agropecuária, acentuou as questões de degradação ambiental e conflito social na América Latina (RAY, GALLAGHER, LOPEZ & SANBORN, 2015).

Em relação a China e seus investimentos, é fundamental a mitigação dos danos socioambientais para assegurar a longevidade de seus projetos, de modo que sejam capazes de atender os padrões sociais e ambientais necessários e não prejudiquem suas relações com os países anfitriões. Portanto, a melhoria e o sucesso das relações e das políticas socioambientais, tanto para a China quanto para a América Latina, será reforçada pela colaboração entre os governos e os investidores chineses e pela participação de diversas esferas da sociedade civil.

Conclusão: Principalmente em uma era em que conceitos de paz, democracia e diplomacia são vistos como globalmente positivos e valorosos, o poder está tendendo a ser exercido de forma branda de atração e influência.

Nesse cenário, a China tem desenvolvido e consolidado o exercício do seu *soft power* para promover o modelo de desenvolvimento chinês, criar um cenário favorável ao desenvolvimento da China e melhorar sua imagem internacional, por meio de investimentos em diversos países do mundo, principalmente nos países em desenvolvimento, e por meio do incentivo aos programas de educação e cultura chinesa, como, por

exemplo, a promoção de intercâmbios ou a instalação do Instituto Confúcio. A medida que a China passou por um processo de transformação de sua política externa e incorporou o *soft power* em sua compreensão das relações internacionais, promovendo diplomacia pública e diversos investimentos, podemos identificar uma nova fase das relações entre a China e a América Latina.

Além disso, em meio a uma época de pandemia global, a China se comportou como uma importante liderança internacional, promovendo seu *soft power* a fim de conter a crise de Covid-19, de modo que pode esclarecer dinâmicas de poder exercendo práticas de cooperação, refutando as críticas e as retóricas negativas em meio da questão chinesa em relação ao vírus.

O crescente comércio e investimento chinês no subcontinente latino-americano nos moldes como vem sendo feito tem causado impactos negativos de cunho social e ambiental nos países da região. Para garantir a sustentabilidade social e ambiental de longo prazo em meio ao crescimento econômico da América Latina promovido pelos investimentos chineses na região, a América Latina precisa orientar políticas de proteção social e ambiental, pois, embora a China possa ser um impulsionador da mudança ambiental e falta de crescimento robusto de empregos e de desenvolvimento social na América Latina, a China não pode ser responsabilizada pela má gestão de recursos e na política socioambiental na região. O que precisa ser feito na América Latina é usar dos benefícios advindos do *boom das commodities* para mitigar esses impactos de cunho socioambiental, ou seja, usufruir das vantagens para a conservação de recursos, estabilização econômica, diversificação econômica impulsionada pelo emprego, e proteção ambiental. Além de que, também é importante a China atualizar seus padrões ambientais e sociais em suas operações no exterior, a fim de se manter forte no mercado internacional e manter boas relações com as nações anfitriãs.

Portanto, se as relações e os investimentos chineses na América Latina não forem administrados de maneira adequada, essas relações podem gerar incentivos em direção à desindustrialização, degradação ambiental e falta de crescimento do emprego. Por isso, é de interesse de ambos os governos, colocar em prática políticas sociais e ambientais adequadas, a fim de maximizar os benefícios e mitigar os riscos da atividade econômica da China na América Latina.

Referências bibliográficas: BUELVAS, Eduardo Pastrana & CASTRO, Rafael Castro. Orden mundial y transición de poder en América Latina. Un nuevo ciclo para América Latina. In: Andrés Serbin (Editor). *América Latina y el Caribe frente a un Nuevo Orden Mundial: Poder, globalización y respuestas regionales*. Barcelona: Icaria Editorial: Coordinadora Regional de Investigaciones Económicas y Sociales – CRIES, 2018. Disponível em: <http://www.cries.org>. Acesso em 12 de abril de 2020.

NYE, Joseph Samuel. The Benefits of Soft Power. 2004. Disponível em: <https://hbswk.hbs.edu/archive/the-benefits-of-soft-power>. Acesso em: 23 de novembro de 2020.

CAMPBELL, Kurt; DOSHI, Rush. The Coronavirus Could Reshape Global Order. *Foreign Affairs*, 2020. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/china/2020-03-18/coronavirus-could-reshape-global-order>. Acesso em: 13 de abril de 2021.

OLIVEIRA, Alana Camoça Gonçalves de; FERNANDES, Felipe Gusmão Carioni. SOFT POWER EM TEMPOS DE QUARENTENA: AS ESTRATÉGIAS DA DIPLOMACIA CHINESA EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19. 2020. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10333/1/bepi_27_soft_power.pdf. Acesso em: 13 de abril de 2021.

RAY, Rebecca; GALLAGHER, Kevin P.; LOPEZ, Andres; SANBORN, Cynthia. China in Latin America: Lessons for South-South Cooperation and Sustainable Development. 2015. Disponível em: <https://www.bu.edu/gdp/files/2015/04/China-in-Latin-America-Lessons-for-South-South-Cooperation-SustainableDevelopment.pdf>. Acesso em: 30 de abril de 2021.